

Investigadores desconstroem a linguagem da crise

Austeridade
Raquel Martins

Centro de Estudos Sociais relança dicionário para entender as palavras associadas à crise e à austeridade

Austeridade, resgate, défice, recessão, *troika* são algumas das palavras que nos últimos anos entraram no quotidiano dos portugueses por culpa da crise económica e financeira. Mais de uma centena de investigadores do Centro de Estudos Sociais pegou nestas e noutras palavras para fazer a sua interpretação da crise e das políticas de austeridade associadas ao memorando de entendimento assinado entre o Governo português, Comissão Europeia e Fundo Monetário Internacional.

O *Dicionário das Crises e das Alternativas*, lançado em Maio e que está desde ontem à venda e em breve ficará disponível na Internet, é além de um glossário de termos académicos e económicos (*subprime*, PIB, recessão) uma forma alternativa de olhar para o significado que palavras comuns têm adquirido de 2008 para cá.

Manuel Carvalho da Silva, responsável pelo Observatório sobre Crises e Alternativas, conta que o livro se inspirou num dicionário sobre a crise publicado no jornal italiano *La Repubblica*. Entre a ideia e a concretização passaram menos de dois meses e o resultado é, nas palavras do antigo sindicalista, “um olhar crítico” sobre o que está a acontecer em Portugal e uma forma de “ajudar os cidadãos” a perceber as

consequências associados a termos “pouco claros”.

José Castro Caldas, outro dos autores do livro, concretiza: “Uma reforma estrutural é algo que visa melhorar a sociedade. Mas se falarmos em precarização do trabalho, redução do subsídio de desemprego, privatizações não a vemos da mesma maneira.”

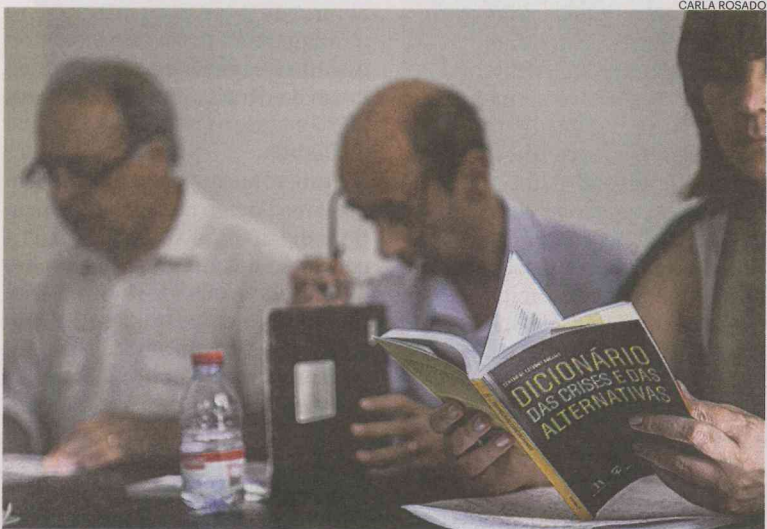
O economista prossegue: “Ou resgate. Resgatar alguém é uma coisa boa, mas não é o que nos está a acontecer.” E da plateia vem um sinónimo para descrever a entrada da *troika* em Portugal: “É mais um sequestro.”

E a lista vai por aí adiante, olhando de forma comprometida para as palavras que se têm enraizado no discurso nacional e para as que os autores gostariam de ver discutidas como alternativas. Numa análise das 222 entradas do dicionário, os autores concluem que são mais as palavras que falam para o futuro do que os conceitos com carga negativa.

“O dicionário também fala de esperança: comércio justo, direitos humanos, cidadania, democracia”, remata Carvalho da Silva.

A geografia também tem espaço reservado. A Espanha, para recordar a megaconcentração de 15 de Maio de 2011 na Porta do Sol, a Grécia, vista como o local onde a democracia pode ser refundada, e a Alemanha, encarada como o principal entrave a políticas europeias “susceptíveis de fazer frente à crise”.

O livro surgiu como cartão-de-visita do Observatório sobre Crises e Alternativas e cada termo técnico é assinado por um investigador. Em breve será preparada uma edição revista e aumentada.



CARLA ROSADO

Dicionário foi apresentado ontem em Lisboa